

21/06/2019

## Humanização do Parto (II)

### Três personagens do direito humano de nascer bem

#### Carlos Cezar Miranda

[Médico Obstetra]

A propósito da humanização do parto e dando continuidade ao nosso papo anterior, na década de 1970 vivenciamos uma época mais humana da medicina (romântica). Foi quando tivemos o privilégio de conhecer três personagens fantásticos que se engajam nesse processo de humanização. Tratarei aqui dos trabalhos realizados por eles àquela época.

#### Professor Frederick Leboyer

De origem francesa, através de pesquisa durante cinco anos, verificou que os partos vaginais que ocorriam na França eram realizados com técnicas não adequadas à recepção do bebê na hora de seu nascimento. Após o término de sua pesquisa, publicou o livro *"Por um Nascimento sem violência"*, que na versão brasileira se chamou: *"Nascer Sorrindo"*. Defendia Leboyer que dever-se-ia, na hora do parto, manter o ambiente da sala de parto preparado para a recepção de alguém que acabara de sair de um lugar tranquilo, sem luminosidade, com temperatura corporal e sendo oxigenado através de um cordão umbilical.

Em sua experiência, ele apagou as luzes da sala, deixando-a apenas na penumbra, após o período expulsivo colocou o recém-nascido sobre o ventre de sua mãe e só cortou o cordão umbilical após perceber que os vasos do mesmo pararam de pulsar. A temperatura da sala teria que ser o mais próximo possível da temperatura corporal. Durante cinco anos realizando seus partos dessa forma, ficou evidente que esses bebês estabeleceram uma relação de perfeita sintonia com suas mães, sentindo-se protegidos nesse momento difícil da transição da vida intrauterina ao mundo exterior.

Lembro-me que, à mesma época, uma médica americana anestesiológica - **Virgínia Apgar** - criou um sistema bastante interessante para avaliação da vitalidade fetal ao nascer, que passou a se chamar: Grau de Apgar, até hoje utilizado pelos neonatologistas nas salas de parto.

Para ilustração, aqui vão os itens dessa avaliação:

- 1) Frequência cardíaca; 2) Frequência respiratória;
- 3) Coloração da pele; 4) Tônus muscular; 5) Reflexos.

Cada item com nota 2, que somados obteriam a nota 10 (dez). Observamos que não existe nessa avaliação a palavra choro. Cabe a pergunta: Porque, até hoje, pediatras e mães ficam tão angustiados enquanto a criança não chora se não está incluso na avaliação do bebê ao nascer? Leboyer respondeu em seu trabalho com muita clareza.

*"Se respeitarmos os fenômenos fisiológicos e naturais do parto a criança conquistará sua autonomia respiratória e reflexos de forma tranquila."*

Deixemos as intervenções dos neonatologistas para os casos de partos complicados. Estamos diante da obviedade, mas que esbarra nas ansiedades do mundo moderno, onde estatísticas nos levam a criar PROTOCOLOS, nos embotando a mente e nos levando ao caos do "irraciocínio", se me permitem o neologismo.

#### Professor Galba Araújo

De origem cearense, titular da cadeira de Obstetrícia da Universidade Federal do Ceará (UFC) criou naquela época (1972) um programa de assistência aos partos no estado do Ceará, já que lá os índices de mortalidade perinatal se mostravam muito elevados. Criou equipes de enfermeiras, obstetras e pediatras, que de forma itinerante visitavam os municípios e lugares distantes de Unidades de Saúde, treinando Parteiras - tão esquecidas por nós - e equipando cada lugar com material básico para a realização de um bom parto. Uma solução simples, barata e tão eficaz, que três anos depois, os índices de mortalidade caíram em 78%.

Galba nos mostrou que não precisamos usar modelos importados e que devemos usar nossa criatividade para criarmos soluções simples utilizando nossa mão de obra que faz parte de nossa cultura.

#### Professor Moisés Paciornick

Professor da Universidade do Paraná, que com o apoio da universidade e com seu filho médico, Claudio Paciornick, percorreram o interior do estado para realizar pesquisa de câncer de colo de útero (prevalência) nas reservas indígenas utilizando um Ônibus Ambulatório, colhendo material para conclusão da pesquisa. Porém, Moisés ficou encantado em ver a forma como as índias pariam seus filhos, redescobrimo algo que a história pouco nos narrou - *O parto de cócoras* - publicando em seguida um livro com o mesmo título, contando sua experiência.

Tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente e após uma hora de conversa, percebi sua simplicidade e uma preocupação, da parte dele, de não querer sensacionalismo daquele fato.

Disse-me ele: *"A posição que as índias buscam no período expulsivo segue aos instintos, que obedecem às leis físicas da natureza, como a lei da gravidade. Pense, tente com suas parturientes e veja como é muita mais fácil pra você e pra elas"*. Daquele dia em diante não abandonei mais a ideia e hoje, saudosamente, lamento os excessos de tecnologia, que, ao invés de usarmos a nosso favor, simplesmente trocamos toda essa experiência passada por uma distância cada vez maior do(a) paciente. Lamentável. ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*